

CARAMBAIA

Ariel Dorfman

A Morte e a Donzela

ilimitada

Tradução
SÉRGIO MOLINA

Prefácio
ELIE WIESEL

6 Prefácio,
por Elie Wiesel

• • •

A Morte e a Donzela

16 Primeiro ato

48 Segundo ato

74 Terceiro ato

• • •

97 Posfácio,
por Ariel Dorfman

Prefácio: Uma peça sobre justiça e perdão

ELIE WIESEL

Como não sou crítico de teatro, não falarei aqui das qualidades dramáticas desta peça nem de suas falhas; não discutirei se uma tragédia humana dessa proporção deve ser apresentada, mesmo que de forma secundária, como entretenimento. Tampouco cabe a mim analisar o trabalho dos atores.

Fui convidado para comentar esta peça política e psicológica de Ariel Dorfman apenas como espectador. Ela me pareceu extremamente estimulante. Nem por um instante perdi o interesse pela ação, que se desenvolve em mais de um nível e levanta mais de uma questão. Loucura e memória, vingança e amor, justiça e perdão: temas que dominam nossa geração, que tem convivido com eles na Europa e no Chile, e que é o enquadramento dos protagonistas e de seu simbolismo.

Um advogado, Gerardo Escobar; Paulina Salas, sua esposa; um médico, Roberto Miranda: unidos e separados por um destino cruel, esses três personagens se encontram por acidente.

Numa noite, Gerardo chega tarde em casa. Sua esposa não consegue controlar a ansiedade. Esse é o primeiro indício de que ela não vive em tempos normais... Um simples atraso não a deixaria nesse estado. Felizmente, um motorista amável, um médico, o leva para casa. O problema acabou, então? Não. A história, que de certo modo acaba de começar, é na verdade a continuação, se não o *dénouement*, de uma história mais longa, que anteriormente transformara seu país numa prisão.

O motorista reaparece nessa noite; Paulina reconhece sua voz. É o torturador que, quinze anos antes, durante um regime ditatorial, a humilhou, torturou e violentou. A vítima de ontem quer se tornar a acusadora, a juíza, talvez a executora de hoje. E os três personagens participam de uma paródia de julgamento em que o público atua como júri. Mas julgamento de quem? De um médico sádico que traiu seu juramento, que é culpado dos crimes mais baixos, crimes que todos preferem esquecer? De um marido que não pode entender nem nunca entenderá que sua esposa sofre um trauma que se tornou parte de seu ser? Ou o julgamento de uma sociedade que permitiu que isso acontecesse?

Esses três personagens, ligados para sempre pela vida, por uma vida arrasada, só têm em comum a própria memória, que, paradoxalmente, os manterá isolados um do outro para sempre. O marido, que nunca foi torturado, pode compreender a “loucura” de uma mulher que guarda cicatrizes na

memória? O médico de hoje sente-se responsável pelos atos que levaram sua vítima a desejar a ruína e a morte dele, a fim de ela se libertar de sua vergonha? Para ele, naturalmente, a solução consiste em esquecer. Mas a vítima se recusa a esquecer. E o marido, advogado e ativista dos direitos humanos, propõe uma solução de compromisso entre os dois extremos, ou contra eles: conhecer os crimes e torná-los públicos, sem punir os criminosos.

De repente, não é apenas o Chile que demanda nossa atenção. Outras vítimas, em outros momentos e lugares, enfrentaram problemas semelhantes. Um ser humano continua humano depois de descer às profundezas do desumano? Um amante de Schubert pode ser ao mesmo tempo um torturador? E mais: em que momento a justiça se transforma em vingança? Em que momento a ética do indivíduo deve ceder aos interesses mais importantes do Estado? E, por outro lado, como levar uma existência “normal” depois de ter passado pelo inferno? É loucura permanecer ligado ao passado e a seus fantasmas? Podemos esquecer sem perdoar? Podemos esquecer sem trair, sem trairmos a nós mesmos? Temos o direito de perdoar em nome dos outros?

No final da peça, que não seria justo revelar, eu não sabia se Paulina havia perdoado. Só sei que ela não esqueceu. Nós também não.

ELIE WIESEL, nascido em Sighet, Transilvânia, em 1928, foi um humanista, professor e escritor judeu, prêmio Nobel da Paz (1986) e sobrevivente dos campos de extermínio de Auschwitz e Buchenwald. Em sua obra, dedicou-se à denúncia do Holocausto e ao resgate da memória de vítimas de perseguições pelo mundo, sobretudo do nazismo. Entre seus livros publicados no Brasil estão *A noite* – um clássico da literatura do Holocausto –, *O caso Sonderberg* e *Uma vontade louca de dançar*. Morreu nos Estados Unidos em 2016. Este texto foi originalmente publicado no jornal *New York Newsday*.

Ariel Dorfman

A Morte e a Donzela

*Esta obra é para Harold Pinter
e María Elena Duvauchelle*

Personagens

Paulina Salas, mulher por volta de 40 anos.

Gerardo Escobar, advogado de 40 e tantos anos.

Roberto Miranda, médico por volta de 50 anos.

O tempo é o presente; o lugar, um país que provavelmente é o Chile, mas que poderia ser qualquer país que acaba de sair de uma ditadura.

Primeiro ato

Cena 1

Barulho do mar.

Noite.

Sala da casa de praia dos Escobar. Na mesa, jantar servido para dois. Há pelo menos três cadeiras, um gravador de fita cassete, uma luminária. Fora, uma varanda de frente para o mar, ligada à sala por janelões. Na varanda há uma porta que dá para um quarto. Paulina Salas está sentada na varanda, como se bebesse o luar. Escuta-se ao longe o barulho de um carro chegando. Ela se levanta, entra na sala, olha pela janela, recua, procura alguma coisa. Quando o cômodo é iluminado pelos faróis do carro, vê-se que ela segura um revólver. O carro freia, mas o motor continua ligado, com os faróis nela. Som de uma porta de carro abrindo e fechando.

GERARDO (*voz em off*) – Tem certeza que não quer entrar? Nem pra tomar um trago?... (*resposta incompreensível*) Certo, mas temos que nos ver antes de eu ir embora... Fico até segunda... Que

tal no domingo?... *(resposta incompreensível)*
Minha mulher faz um *pisco sour* que é um es-
panto de tão bom... Nem sei como agradecer...
(resposta incompreensível) Então, até domingo.
(Risos.)

*(Paulina oculta o revólver e se esconde atrás das cor-
tinas. O carro se afasta e o palco fica iluminado ape-
nas pelo luar. Entra Gerardo.)*

GERARDO – Paulina? Cadê você, meu bem? Mas
que breu... *(Vê Paulina escondida. Acende uma
luz.)* Que é que você está fazendo aí, Paulineta
linda, minha flor? Desculpa a demora... eu...

PAULINA *(tentando não parecer nervosa)* – Quem
era?

GERARDO – É que...

PAULINA – Quem te trouxe?

GERARDO – ... é que eu tive um... Calma, está
tudo bem, não foi um acidente, só o pneu do
carro é que furou. Felizmente um cara parou
pra me ajudar. Mas por que você está no es-
curo? *(Acende outra luz. Vê a mesa posta.)* Ah,
que pena, deve ter esfriado...

PAULINA *(muito calma até o fim da cena)* – Tudo
bem, dá pra esquentar. Desde que a gente te-
nha o que comemorar, né? *(Pausa.)* Você tem o
que comemorar, Gerardo?

GERARDO – Você é que sabe. *(Pausa longa. Tira
um prego enorme do bolso.)* Sabe o que é isto

aqui? O filho da puta do prego que furou o pneu.
E sabe o que qualquer motorista faz quando isso
acontece...? Ele para e troca o pneu. Isso se o
estepe também não estiver furado, certo? Se
a mulher do tal motorista tiver mandado con-
sertar o bendito estepe, certo?

PAULINA – A mulher. Sempre a mulher. Isso é
com você.

GERARDO – Desculpa, meu amor, mas o combi-
nado era que...

PAULINA – É com você. Eu cuido da casa, e você
de vez em quando pode cuidar do...

GERARDO – Você não quer ter empregada, mas
depois...

PAULINA – ... carro, pelo menos.

GERARDO – ... depois você reclama...

PAULINA – Eu nunca reclamo.

GERARDO – Essa discussão é absurda. Por que es-
tamos brigando? Até já me esqueci...

PAULINA – Não estamos brigando, meu amor.
Foi você que me acusou de não ter consertado
o seu pneu.

GERARDO – *Meu* pneu?

PAULINA – ... e eu respondi com jeitinho que...

GERARDO – Calma, vamos esclarecer isso de uma
vez por todas. Você não ter mandado consertar
o pneu, o *nosso* pneu, vá lá. Mas tem outro pro-
bleminha. O macaco.

PAULINA – Que macaco?

GERARDO – Boa pergunta. Que macaco? O que

você fez com o meu macaco? Porque ele também não estava lá...

PAULINA – Como assim? Você tinha um macaco no carro pra te ajudar a trocar o pneu?...

(Gerardo ri, toma a mulher nos braços e a beija.)

GERARDO – Agora falando sério: o que você fez com o macaco do carro, afinal?

PAULINA – Emprestei pra minha mãe.

GERARDO *(desfazendo o abraço)* – Pra sua mãe?

PAULINA – É, pra minha mãe.

GERARDO – E posso saber por quê?

PAULINA – Pode. Porque ela estava precisando.

GERARDO – Ah, sei! Já eu, ou melhor, nós não precisamos... Você não pode... Meu amor, você não podia ter feito isso.

PAULINA – A mamãe ia viajar pro sul e estava realmente precisando, já você...

GERARDO – Já eu, que me foda.

PAULINA – Não senhor.

GERARDO – Sim senhora. Eu recebi um telegrama, precisei sair voando pra capital pra me encontrar com o presidente, na reunião mais importante da minha vida, e aí...

PAULINA – Aí...?

GERARDO – E aí me apareceu um prego filho da puta pra furar o pneu. Ainda bem que não foi na ida que esse filho da... Aí eu fiquei lá na estrada feito um idiota, sem estepe e sem

macaco... Paulina, não sei se isso entra na sua linda cabecinha...

PAULINA – A minha linda cabecinha sabia que alguém ia te ajudar. Pelo menos a garota era bonita? Sexy?

GERARDO – Já falei que foi um homem.

PAULINA – Não falou coisa nenhuma.

GERARDO – Por que você sempre acha que vai ter uma mulher que...?

PAULINA – Por que será, hein? *(Pausa breve.)* Era simpático? O cara que...?

GERARDO – Simpaticíssimo. Ainda bem que ele...

PAULINA – Viu? Não sei como você faz, mas sempre dá um jeito pra que tudo acabe bem... Já minha mãe, se o pneu do carro dela furasse...

GERARDO – Você não imagina como eu fico feliz em pensar na sua mãe viajando tranquila pelo sul, enquanto eu passei horas...

PAULINA – Não exagera, vai...

GERARDO – Quarenta e cinco minutos. Contados no relógio. Os carros passavam como se eu fosse invisível. Quando as pessoas vão para a praia no fim de semana, parece que perdem todo o senso cívico... Aí comecei a agitar os braços feito doido, pra ver se assim... Mas nada, nem uma boa alma se dignou parar. Todo mundo neste país esqueceu o que é solidariedade, essa é que é a verdade. Ainda bem que apareceu esse senhor, Roberto Miranda é o nome dele. Eu o convidei pra tomar um...

PAULINA – Eu escutei.

GERARDO – No domingo, o que você acha?

PAULINA – Tudo bem.

(Pausa.)

GERARDO – Como a gente vai voltar na segunda...

Quer dizer, como eu vou voltar. A não ser que
você queira encurtar as férias e vir comigo.

PAULINA – Então você foi nomeado, é isso?

(Pausa breve.)

GERARDO – Isso mesmo.

PAULINA – É o auge da sua carreira.

GERARDO – Eu não diria o auge. Afinal, sou o
mais novo da Comissão.

PAULINA – Auge mesmo vai ser quando te no-
mearem ministro da Justiça, né?

GERARDO – Isso já não depende de mim.

PAULINA – Você contou pra ele?

GERARDO – Pra quem?

PAULINA – Pro seu... bom samaritano.

GERARDO – Pro...? Mas se eu nem conheço o
sujeito. Nunca tinha visto na vida... Além do
mais, ainda não decidi se vou mesmo...

PAULINA – Você já decidiu, sim.

GERARDO – Pedi um dia pra dar a resposta. Disse
que me sentia extremamente honrado com o
convite, mas que precisava...

PAULINA – Você disse isso para o presidente?

GERARDO – É, para o presidente. Disse que preci-
sava de um tempo pra pensar.

PAULINA – Eu não entendo o que você ainda tem
que pensar. Você sabe muito bem que já decidiu,
Gerardo. Você trabalhou anos e anos pra chegar
aí, por que está fingindo que...

GERARDO – Porque antes eu tenho... você tem que
me dizer que sim.

PAULINA – Então sim, pronto.

GERARDO – Não é desse sim que eu preciso.

PAULINA – É só esse que eu tenho pra dar.

GERARDO – Já escutei outros. *(Pausa breve.)* Se eu
aceitar, vou ter que contar com você, ter certeza
de que você não vai sentir que a nova situação
pode te criar algum tipo de... Sei lá, pode ser difícil
pra você... Se você tiver uma recaída, vou ficar...

PAULINA – Vulnerável. Paralisado. Porque vai ter
que cuidar de mim de novo, é isso?

GERARDO – Não seja injusta, Paulina. *(Pausa
breve.)* Você me recrimina por ter cuidado de
você? E por querer continuar cuidando...?

PAULINA – E você contou para o presidente que a
sua esposa pode ter problemas com...

(Pausa.)

GERARDO – Ele não sabe. Ninguém sabe. Nem a
sua mãe.

PAULINA – Tem gente que sabe, sim.

GERARDO – Não estou falando dessa gente. Ninguém no novo governo sabe. Quer dizer, não é um fato público, porque você... porque a gente nunca fez a denúncia...

PAULINA – Só os casos de morte, né?

GERARDO – Não entendi, Paulina.

PAULINA – A Comissão. Ela só cuida dos casos de morte.

GERARDO – A Comissão investiga os casos de morte ou com presunção de morte.

PAULINA – Só os casos graves.

GERARDO – A ideia é que, esclarecendo os maiores horrores, vamos jogar luz sobre...

PAULINA – Só os casos graves.

GERARDO – Digamos que os casos... irreparáveis.

PAULINA (*lentamente*) – Irreparáveis.

GERARDO – Não gosto de falar disso, Paulina.

PAULINA – Nem eu.

GERARDO – Mas vamos ter que falar, concorda? Vou passar meses colhendo depoimentos que... E toda vez que eu voltar pra casa... vou... Acho que você vai querer que eu te conte tudo... E se isso for insuportável pra você, se... se você... (*Tomando-a nos braços.*) Se você soubesse como eu te amo. Se soubesse como ainda me dói.

(*Pausa breve.*)

PAULINA (*sem se desvencilhar, ferozmente*) – Sim! Sim! Sim! É esse o sim que você quer?

GERARDO – É esse o sim que eu quero.

PAULINA – É preciso estabelecer toda a verdade. Promete pra mim que...

GERARDO – Toda. Toda a que for possível... comprovar. (*Pausa.*) Estamos...

PAULINA – De mãos atadas.

GERARDO – Com os movimentos limitados, digamos. Mas dentro desses limites dá pra fazer muita coisa... Vamos publicar os resultados. Um livro oficial relatando o que aconteceu, para que ninguém possa negar o que foi feito, para que nunca mais nosso país padeça os excessos que...

PAULINA – E depois? (*Gerardo não responde.*) Os parentes das vítimas são ouvidos, os crimes são relatados, mas e os criminosos?

GERARDO – Depois encaminhamos tudo o que apurarmos para os tribunais de Justiça, para que eles determinem se cabe ou não...

PAULINA – Tribunais? De Justiça? Os mesmos tribunais que nos dezessete anos de ditadura nunca mexeram um dedo pra salvar uma vida que fosse? Você vai encaminhar seu relatório pro juiz Peralta? O mesmo que mandou aquela pobre mulher parar de encher a paciência, porque o marido dela não estava desaparecido, mas devia ter fugido com uma mulher mais nova e atraente? Tribunais de Justiça, você disse? De Justiça?

(Paulina começa a rir suavemente, mas com certa histeria subterrânea.)

GERARDO – Paulina, Paulina... Chega, Paulina. *(Ele a toma nos braços. Ela vai se acalmando.)* Sua bobinha. Minha bobinha linda. *(Pausa breve.)* Imagina se fosse você lá na estrada, sozinha, com o pneu furado, os carros passando direto, os faróis passando que nem raios, sem que ninguém... Já pensou no que podia...

PAULINA – Alguém acabaria parando. Provavelmente esse mesmo... Miranda?

GERARDO – É bem provável. Pelo jeito, ele vive resgatando órfãos e amparando donzelas.

PAULINA – Assim como você faz?

GERARDO – Pois é, almas gêmeas.

PAULINA – Então ele deve ser boa gente.

GERARDO – Gente boníssima. Se não fosse ele...

Eu o convidei pra vir aqui no domingo. Tudo bem pra você?

PAULINA – Tudo bem. Fiquei com medo. Ouvi um carro chegar, e não era o seu.

GERARDO – Mas não tinha perigo nenhum.

PAULINA – É, não tinha. *(Pausa breve.)* Gerardo.

Você já disse sim para o presidente, não é? Fala a verdade, Gerardo. Ou vai começar seu trabalho na Comissão com uma mentira?

GERARDO – Eu só não queria te magoar.

PAULINA – Você falou para o presidente que aceitava? Antes de me consultar? *(Pausa breve.)*

GERARDO – Sim. Eu já disse que sim. Antes de te consultar.

(As luzes se apagam.)